



ASPECTOS DO ROMANCE DE FORMAÇÃO NA ESTRUTURA NARRATIVA DE *JANE EYRE*



ASPECTS OF *BILDUNGSROMAN* IN *JANE EYRE'S* NARRATIVE STRUCTURE

Luisa de Assis VIEIRA
Universidade Federal de Goiás, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 04/04/2022 • APROVADO EM 04/01/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.253>

Resumo

O presente artigo busca analisar aspectos narrativos do romance *Jane Eyre*, escrito por Charlotte Brontë e publicado pela primeira vez em 1847, que condizem com a estrutura de um romance de formação. Considera-se, além dos aspectos formais, o contexto histórico e os desafios impostos pelas morais da Era Vitoriana, período em que Brontë escreve e publica a história de Jane, uma jovem que questiona e quebra barreiras do silêncio imposto às meninas e mulheres daquele período. Busca-se contribuir para os estudos sobre literatura e romance de formação, além de incentivar a leitura desse clássico vitoriano, que tem muito a contribuir para uma formação leitora crítica de adolescentes, jovens e adultos. Conclui-se que apesar de ter nascido em contextos diferentes do *Meister*, obra vista por amplo setor da crítica como paradigmática do *Bildungsroman*, *Jane Eyre* também pode ser considerado um romance de formação.

Abstract

This article analyses the narrative aspects of the novel *Jane Eyre*, written by Charlotte Brontë and first published in 1847, which match the structure of a *Bildungsroman*. In addition to the formal aspects, the historical context and the challenges imposed by the

morals of the Victorian Era are considered, the period in which Brontë writes and publishes the story of Jane, a young woman who questions and breaks the barriers of the silence imposed on girls and women of that period. It seeks to contribute to studies on literature and Bildungsroman and encourage the reading of this Victorian classic, which contributes to a critical reading formation for teenagers, youths, and adults. It concludes that *Jane Eyre* can also be considered one despite being written in different contexts than Meister, considered by the critics as a paradigm of the Bildungsroman.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literaturas de língua inglesa. Era Vitoriana. Bildungsroman. Jane Eyre.

Keywords: English-language literature. Victorian Era. Bildungsroman. Jane Eyre.

Texto integral

Introdução

A preocupação em narrar as experiências cotidianas de uma personagem de romance, levando em consideração suas angústias comuns à natureza humana, suas ações e percepções sobre o universo que a cerca, ao longo de uma jornada de desenvolvimento moral, espiritual e físico, compreendem aspectos fundamentais do *Bildungsroman*, ou romance de formação (Maas 2000; Moretti, 2020; Cruvinel, 2004, 2009).

Os aprendizados, as aventuras e os desafios impostos à essa personagem, ao longo da narrativa, corroboram para o desabrochar de uma percepção madura não somente do mundo que a cerca, mas também, e talvez sobretudo, dela mesma. Somado a isso, o público leitor da obra também pode viver a experiência da iniciação e do aprendizado no decorrer dos capítulos e vivências da personagem.

Nesse contexto, o presente artigo busca analisar aspectos narrativos do romance *Jane Eyre*, escrito por Charlotte Brontë e publicado pela primeira vez em 1847, que condizem com a estrutura de um romance de formação. Considera-se, além dos aspectos formais, o contexto histórico e os desafios impostos pelas morais da Era Vitoriana, período em que Brontë escreve e publica a história de Jane, uma jovem que questiona e quebra barreiras do silêncio imposto às meninas e mulheres daquele período.

Por meio da análise aqui proposta, busca-se contribuir para os estudos sobre literatura e romance de formação, além de incentivar a leitura desse clássico vitoriano, que tem muito a contribuir para uma formação leitora crítica de adolescentes, jovens e adultos. Para cumprir com tais objetivos, serão utilizados, dentre outros, os escritos de Maas (2000), Moretti (2020) e Cruvinel (2004, 2009) para fundamentar os argumentos sobre a estrutura do romance de formação; Gilbert & Gubar (2000), Woolf (2019) e Montero (2021), sobre os desafios das mulheres escritoras ao longo do século XIX; e Benicio (2021) sobre *Jane Eyre* e romance de formação. A edição do romance escolhida para leitura e análise deste estudo, foi a primeira edição comentada e ilustrada do grupo editorial Zahar, traduzida por Adriana Lisboa e publicada em 2018.

O artigo é dividido em cinco seções contando com esta introdução. Na sequência são feitas considerações sobre o nascimento do *Bildungsroman* como

forma narrativa e uma breve consideração sobre seu contexto histórico. Também discorre sobre os desafios da escritora Charlotte Brontë no universo literário em pela Era Vitoriana, quando as mulheres não tinham espaço para se expressarem livremente, quanto mais no universo literário. Por fim, analisa-se a obra *Jane Eyre* a partir dos aspectos de aprimoramento da personagem, para então chegar às considerações finais.

Bildungsroman* e o nascimento de uma forma narrativa a partir de *Wilhelm Meister

Bildungsroman é um termo alemão que significa romance de formação ou romance de aprendizagem. Essa forma de narrar tem como principal característica a apresentação da jornada de uma personagem principal rumo à maturação espiritual, psicológica e social. O termo cunhou-se em alemão, por volta de 1810 (MAAS, 2000), tendo como paradigma a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, romance de Goethe que marcou a literatura ocidental no século XVIII. Sobre esse marco na maneira de narrar e descrever a personagem no romance de aprendizagem, Moretti discorre:

O arranque decisivo nessa direção é, como se sabe, a obra de Goethe: e é sintomático que tome corpo exatamente naquele romance que codifica o novo paradigma e fixa na juventude a parte mais significativa da existência. Nasceu o *Bildungsroman*: a forma que domina – ou, mais precisamente, torna possível – o século de ouro da narrativa ocidental. E nasceu naturalmente um novo herói – Wilhelm Meister. (MORETTI, 2020, p. 27)

Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister narra as aventuras de Meister, um rapaz de origem burguesa que, contrariando os ensejos de seus pais e as expectativas sociais da época, resolve dedicar-se às artes dramáticas e apaixona-se por uma atriz. Ao longo da narrativa, os leitores viajam com Meister pela Alemanha e deparam-se com as angústias de uma personagem comum em sua jornada de crescimento, descobertas e tomadas de decisões, temas corriqueiros à juventude em geral.

Portanto, em contraposição aos heróis da epopeia clássica, como Ulisses, por exemplo, que se apresenta como homem já em sua maturidade e sabedoria exemplar e que cumpre uma jornada heroica com toda a virilidade e inteligência de um homem feito, o romance de formação temos personagens jovens que partem em uma trajetória de aprendizagem e de amadurecimento, justamente porque precisam vencer ou elaborar suas angústias mais latentes. Nesse caminho, conforme Cruvinel (2014, p. 155),

para o romance de formação, a ideia de um herói problemático, que está em confronto com o mundo, é fundamental. Se o herói é positivo desde o começo da história e não há um embate do eu com a realidade, não é possível pensar em educação, pois a personalidade do herói não se altera ao longo de sua trajetória e nem as estruturas sociais são problematizadas.

A importância dos confrontos com o mundo que cerca a personagem é de fundamental importância para a construção do *Bildungsroman*, uma vez que, ainda conforme a autora e pesquisadora do tema, “a aprendizagem da personagem deve cumprir o papel de formar o próprio leitor que, ao vivenciar o percurso do herói, sai da experiência da leitura também transformado.” (CRUVINEL, 2004, p. 16) O *Bildungsroman*, portanto, diz respeito não só à aprendizagem da personagem protagonista na narrativa, mas também à formação e transformação do público leitor, que será convidado a uma jornada de autoconhecimento a partir da trajetória do herói narrado:

A definição inaugural do *Bildungsroman* por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade”. Uma tal representação deverá promover também “a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance”. (Maas, 200, p. 19)

Outro aspecto importante, que merece destaque na construção do romance de formação, é o ponto de divisão e travessia entre classes, mais precisamente entre a burguesia e a aristocracia. Um dos pontos cruciais do *Meister* a respeito disso e destacado por Wilma Maas (2000, p. 21) é a carta enviada pelo jovem Wilhelm ao seu amigo e confidente Werner, conforme lê-se no capítulo três do livro V:

Para dizer-te em uma palavra: formar-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância. Ainda conservo essa disposição, com a diferença de que agora vislumbro com mais clareza os meios que me permitirão realiza-los. [...]

[C]omo nada mais sou do que um burguês, devo seguir um caminho próprio, e espero que venhas a me compreender. [...] Um burguês pode adquirir méritos e desenvolver seu espírito a mais não poder, mas sua personalidade se perde, apresente-se ele como quiser. Enquanto para o nobre, que se relaciona com as mais distintas pessoas, é um dever conferir a si mesmo um porte distinto, e esse porte, já que a ele nunca estarão cerradas portas nem portões, transforma-se num porte espontâneo [...]. (GOETHE, 2020, p. 284-285)

O chamado de Meister para fazer parte de uma classe elevada e os entraves ao longo do caminho para que isso ocorra, direcionam a trajetória desse jovem herói. O trecho citado acima serve como um espelho para as personagens que surgiram em romances posteriores ao clássico de Goethe, incluindo *Jane Eyre*, que compõe o objeto de pesquisa deste artigo. A pouca idade passa a ser determinante para narrar uma jornada de iniciação, aprendizado e concretização dos ideais humanísticos. E é fundamental também, para a iniciação e aprendizado de jovens leitores.

É importante salientar que em sua origem, o *Bildungsroman* trata da jornada de desenvolvimento e aperfeiçoamento do arquétipo do homem europeu, branco e burguês em direção à aristocracia e concretização dos ideais sociais de matrimônio. Porém, assim como o romance enquanto gênero literário está em constante movimento e transformação, o romance de formação também não é uma forma fixa e parada em sua origem. Temos registros de outros tipos de *Bildungsroman* na literatura, como é o caso do clássico vitoriano *Jane Eyre*, em que há um desdobramento desse molde em uma nova configuração, sob a perspectiva feminina, conforme discutiremos com mais atenção nas seções a seguir.

***Jane Eyre* e os desafios da escrita feminina na Era Vitoriana**

Jane Eyre é um grande clássico, lido e referenciado mundialmente. Considerando seu caráter emancipatório e crítico do ponto de vista da representação feminina, a obra de Charlotte Brontë surpreende os leitores na medida em que traz uma personagem que rompe com vários costumes e estereótipos do século XIX, sobretudo da Era Vitoriana. A trajetória de Jane, protagonista homônima do romance, contribui para a formação de jovens leitores, não apenas no sentido formal, como já discutido na seção anterior, mas também para a vida. O processo de escrita e publicação desse romance, no entanto, seguiu caminhos tão difíceis quanto os vividos pela personagem central, ao se pensar nos desafios impostos pela época em que Charlotte o escreveu.

Na Era Vitoriana, quando o Reino Unido era regido pela Rainha Vitória (1819-1901) e regulado por padrões e papéis de conduta bem delimitados, às mulheres cabia o papel de “anjos do lar”, passivas, obedientes e submissas. Deveriam abraçar o trabalho doméstico e se ocupar da educação dos filhos. Caso tentassem quebrar ou questionar esses padrões, elas enfrentavam, além dos preconceitos e da violência, a impossibilidade de reivindicar seus direitos. E, como veremos nesta seção, o ofício da escrita era fundamentalmente masculino.

No livro *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*¹, as autoras Gilbert e Gubar tecem análises minuciosas sobre algumas mulheres escritoras do século XIX e suas obras mais marcantes, no universo predominantemente masculino:

O que significa ser uma mulher escritora em uma cultura cujas definições fundamentais de autoridade literária são, como vimos, tanto abertamente quanto veladamente patriarcais? Se a dicotomia agressiva de anjo e monstro [...] são as principais imagens que a tradição literária oferece às mulheres, como essas imagens influenciam as maneiras pelas quais as mulheres enfrentam o ofício da escrita? (GILBERT & GUBAR, 2000, p. 45-46, tradução livre.)²

¹ Em tradução livre: “A louca do sótão: a mulher escritora e a imaginação literária do século XIX”

² No original: “What does it mean to be a woman writer in a culture whose fundamental definitions of literary authority are, as we have seen, both overtly and covertly patriarchal? If the vexed and vexing polarities of angel and monster [...] are major images

Nesse contexto, surge nas mulheres escritoras o que as autoras denominam como ansiedade da autoria: “um medo radical de que ela não consiga criar, que pelo fato de ela não poder se tornar uma ‘precursora’ o ato de escrever irá isolá-la e destruí-la. [...] Sua batalha, no entanto, não é contra a leitura do mundo de seus precursores (masculinos), mas contra a leitura dele sobre a dela.” (GILBERT & GUBAR, 2000, p. 49, destaque das autoras, tradução livre.)³

Essa ansiedade ao escrever, somada aos impedimentos práticos do cotidiano dessas mulheres, como foi o caso de Charlotte Brontë e suas irmãs, fez com que muitas obras de autoria feminina fossem publicadas sob pseudônimos masculinos. No livro *Nós, mulheres: grandes vidas femininas*, a jornalista e escritora Rosa Montero traça um breve panorama sobre a vida dessas três irmãs no mundo da escrita em pleno século XIX no Reino Unido. De acordo com ela,

as irmãs, num alarde de decisão e força, autopublicaram suas primeiras obras [...]: Agnes Grey, de Anne; o belo “Jane Eyre”, de Charlotte; e o magistral “O morro dos ventos uivantes”. Assinaram com os pseudônimos de Acton, Ellis e Currer Bell, e ninguém, nem seus editores, sabiam que os autores eram três moças provincianas de 27, 28 e trinta anos. [...] Após o sucesso de “Jane Eyre”, Charlotte confessou ao pai que ela era o escritor da moda, Currer Bell. (MONTERO, 2021, p. 177)

Foi assim que as três irmãs Brontë, disfarçadas na solidão e pobreza, no interior do contado de York, fizeram ecoar suas vozes sensíveis e ao mesmo tempo ferozes, por meio de seus romances. Afinal, “De onde o escritor tira o que escreve? Seus romances nascem do que ele já sabe ou do que ele teme?” (MONTERO, 2021, p. 170) No caso de Charlotte e suas irmãs, seus escritos certamente nasceram de uma jornada de questionamentos, desejos e medos de ficarem ali para sempre, no isolamento da falta de recursos e do silenciamento da condição feminina.

Nesse contexto, como dissertam Gilbert e Gubar (2000, p. 336, tradução livre), “*Jane Eyre* é uma obra envolta em fantasias raivosas e ânsia de fuga para a plenitude. [...] A jovem romancista parece definitivamente ter aberto os olhos para as realidades femininas dela mesma e ao seu redor: confinamento, orfandade, fome, raiva até a loucura.”⁴ Percebe-se, assim, que o percurso de formação e aprendizagem próximo ao *Bildungsroman* alemão faz-se presente não só dentro da obra em si, mas também no processo de construção da narrativa. Em *Jane Eyre*, não apenas a protagonista vive a jornada de amadurecimento e emancipação espiritual,

literary tradition offers women, how does such imagery influence the ways in which women attempt the pen?”

³ No original: “a radical fear that she cannot create, that because she can never become a ‘precursor’ the act of writing will isolate and destroy her. [...] Her battle, however, is not against her (male) precursor's reading of the world but against his reading of her.”

⁴ No original: “Jane Eyre is a work permeated by angry, Angrian fantasies of escape-into-wholeness. [...] The young novelist seems here definitely to have opened her eyes to female realities withing her and around her: confinement, orphanhood, starvation, rage even to madness.”

mas também a própria autora, que, por meio de sua narração, alcançou patamares inimagináveis para sua realidade concreta e tão breve neste mundo.

O desenvolvimento de Jane no romance

Jane Eyre é um romance em primeira pessoa, escrito como um diário sob a narração da protagonista homônima Jane. Nele, acompanhamos a personagem a partir dos seus 10 anos de idade até a vida adulta. Deparamo-nos com as angústias e conflitos de uma mulher que questiona as morais da Inglaterra do século XIX e que tem um senso crítico forte, advindo dos estudos e das leituras, que serviam de fuga de uma realidade sofrida desde a infância.

Virginia Woolf, no ensaio *Mulheres e ficção*, descreve a prosa de Charlotte Brontë como uma “ferocidade indomada”, como uma escrita que extrapola os limites e as restrições da ordem esperada:

Provavelmente o mesmo ocorre com todos os escritores que têm, como ela, uma personalidade forte demais, de modo que, como dizemos na vida real, basta-lhes abrir a porta para serem notados. Há neles uma ferocidade indomada, em guerra permanente com a ordem estabelecida das coisas, que os faz desejar criar no instante, em vez de observar com paciência. [...] E isso os torna poetas, ou, caso optem por escrever prosa, intolerantes às restrições que ela impõe. (WOOLF, 2019, p. 50)

As características levantadas por Virginia Woolf são, precisamente, as que definem a protagonista Jane, uma criança órfã que vive sob a tutela da tia Reed, viúva e mãe de três filhos. Solitária e oprimida pela tia e pelos primos Elisa, John e Georgiana, Jane está sempre à margem, como uma peça que não se encaixa, um incômodo a ser isolado da realidade familiar. Nos primeiros parágrafos do livro, já notamos a distância entre os Reed e a menina órfã:

Eliza, John e Georgiana agrupavam-se agora em torno da mãe na sala de estar. [...] Quanto a mim, dispensara-me de me juntar ao grupo. [...]
- Jane, eu não gosto de gente crítica nem respondona; além disso, é muito desagradável uma criança que se comporta desse modo com os mais velhos. Vá se sentar em algum lugar; até que seja capaz de falar como convém, fique calada. (BRONTË, 2018, p. 19)

Para se esquivar dos insultos e do desprezo, Jane se escondia atrás das cortinas da sala de estar, local de convivência da casa e onde se sentia desprezada. Os livros, amigos e confidentes fiéis da protagonista, estão sempre à mão e têm um papel fundamental de conforto e estabilidade da ordem num contexto caótico. Além disso, vemos, no trecho a seguir, características do inverno inglês, que prende a criança dentro de casa. Ou seja, não há para onde ir: dentro de casa está a penúria da rejeição, lá fora, chove e faz frio, sendo impossível fazer caminhadas ou brincadeiras ao ar livre.

Dobras de pano escarlate tapavam minha visão à direita; à esquerda estavam as vidraças transparentes, que me protegiam do dia de novembro, mas não me separavam dele. De vez em quando, ao virar as páginas do meu livro, eu estudava o aspecto daquela tarde de inverno. À distância, ela oferecia um pálido borrão de névoa e nuvem; mais perto, o cenário era o gramado molhado e os arbustos açotados pelo temporal, a chuva incessante varrendo tudo com violência antes de uma longa e terrível rajada de vento. (BRONTË, 2018, p. 20)

Porém, nem mesmo os momentos de leitura e introspecção eram permitidos a Jane por parte de seu primo John:

Você não tem nada que pegar os nossos livros; é uma dependente, é o que a mamãe diz. Não tem dinheiro, seu pai não lhe deixou nada. Você devia estar mendigando, e não vivendo aqui com filhos de gente de bem como nós, comendo as mesmas refeições que comemos, usando roupas às custas da mamãe. (BRONTË, 2018, p. 23)

Ainda no primeiro capítulo, que é o guia de referência para a personalidade de Jane ao longo do romance, deparamo-nos com o primeiro grande conflito entre ela e o restante da família, que sucede a fala do primo John citada acima. Vemos também os desdobramentos e a punição aplicada, a mesma que segue ao longo de sua infância enquanto mora com os Reed:

– Garoto malvado e cruel! – eu disse. – Você mais parece um assassino, parece um senhor de escravos... parece um imperador romano!

Eu tinha lido a “História de Roma” de Goldsmith, e formara minha opinião sobre Nero, Calígula e os demais. Também traçara, em silêncio, paralelos que nunca teria pensado em declarar assim, em voz alta. [...]

E ele correu impetuosamente na minha direção: senti-o agarrar meu cabelo e meu ombro. [...] Não sei bem o que fiz com as mãos, mas ele me chamou de “Desgraçada! Desgraçada!” e começou a berrar. [...]

Então a sra. Reed acrescentou:

– Levem-na para o quarto vermelho, e podem trancá-la ali. (BRONTË, 2018, p. 24)

Todos os trechos citados até aqui referem-se ao primeiro capítulo. É possível vislumbrar a pressão psicológica vivenciada por uma criança de 10 anos, órfã, curiosa e ávida por conhecimento, bem como por pertencimento. Nas poucas páginas que iniciam o romance, Brontë dá aos leitores a necessidade da fuga, o desejo de sair daquelas cortinas escarlates, do quarto vermelho e dos vitrais que a privam do mundo lá fora.

A caminhada de Jane Eyre é inevitável, não há outra possibilidade a não ser o conhecimento, o aprendizado e o desenvolvimento para que ela escape daquele presente. Afinal, não há lugar para uma menina inconformada nas paredes da

residência dos Reed, uma menina órfã, pobre e vivendo de favor na casa de tutores violentos, escutando que “[...] é menos do que uma criada, pois não faz nada para ganhar seu sustento.” (BRONTË, 2018, p. 25)

Nos capítulos mais à frente, a tia Reed, seguindo os padrões da Era Vitoriana, resolve dar um basta e enviar Jane a um internato para meninas, regido por feiras. Ao receber a visita do supervisor da escola, o Senhor Brocklehurst, vemos o confronto de Jane com as morais religiosas, o que gera horror à tia e aos demais presentes no momento do encontro:

- Nada tão triste de se ver como uma criança desobediente – ele começou a dizer. – Sobretudo uma menininha desobediente. Sabe para onde vão os maus quando morrem?
 - Vão para o inferno – foi minha pronta e ortodoxa resposta.
 - E o que é o inferno? Pode me dizer?
 - Um poço cheio de fogo.
 - E você gostaria de cair nesse poço, e ficar queimando ali para sempre?
 - Não, senhor.
 - O que tem de fazer para evitá-lo?
- Refleti por um momento. Minha resposta, quando veio, foi repreensível:
- Tenho que cuidar da saúde, e não morrer. (BRONTË, 2018, p. 48)

É a partir da vida no internato que a jornada de aprendizado e aperfeiçoamento de Jane tem início no romance. Não apenas no sentido formal dos estudos, mas no sentido do desenvolvimento humano e formação de caráter, como vimos sobre os aspectos do *Bildungsroman*. Destaca-se também que é em Lowood que a protagonista recebe as instruções necessárias para, futuramente, se tornar uma preceptora.

Nesse caminho, Jane conhece sua primeira melhor amiga, Helen Burns, uma criança de saúde muito frágil e vinda do norte da Inglaterra. O contexto em que as duas se conhecem demonstra a franqueza de Jane em querer reparar danos advindos dos castigos das freiras sobre as alunas. Helen estava cumprindo um castigo, quando as duas tem a primeira conversa:

- Qual o seu nome, além de Burns?
- Helen.
- Você vem de muito longe?
- Venho de um lugar mais ao norte, quase na fronteira com a Escócia.
- [...]
- Você gostaria de ir embora de Lowood?
- Não, por que eu haveria de querer? Mandaram-me para Lowood para que eu estudasse, e não faria sentido ir embora antes de atingir esse objetivo.
- [...]
- Mas parece ser vergonhoso ser castigada. [...] Sou muito mais nova do que você, e não poderia suportar.

- Mas seria o seu dever suportar, se não tivesse como evitar: é uma fraqueza e uma tolice dizer que não pode suportar o que é seu destino ter de suportar. (BRONTË, 2018, p. 75)

O diálogo entre as duas crianças mostra a importância das desventuras da protagonista dentro do internato. Apesar dos infortúnios e das punições tão violentas e descabidas, a preparação de Jane não se completaria sem aquela experiência. E Helen Burns foi responsável por nortear a passagem de Jane naquele local. Muito frágil e debilitada, a menina logo sucumbiu à tuberculose e morreu dentro da escola, finalizando um dos ciclos mais duros dessa passagem de Jane. Talvez seu próprio sobrenome Burns (em inglês, equivalente a “queimaduras”, “incêndios”, “chamas”) carregue essa função de iluminar, acender uma luz intensa, mas que dura apenas o instante necessário para acender uma outra chama, no caso, o caminho de Jane.

A protagonista permanece na escola Lowood dos seus 10 anos até a idade adulta, quando completou 18 anos. Como salienta Benicio (2021, p. 40), “apesar de todas as privações que Jane Eyre enfrenta ainda sente-se melhor no internato do que em sua antiga casa, e com o tempo e a influência da diretora Temple, [...] aprende a administrar melhor suas emoções.” Nesse sentido, o internato serviu como um local de passagem em que a protagonista se aperfeiçoou em relação aos seus comportamentos e emoções, para que então ela pudesse prosseguir.

Decorridos seis anos como aluna, Jane atuou mais dois como professora. Após os oito anos em Lowood, a jovem sente o desejo de expandir seus horizontes, quando prepara um anúncio dos serviços de preceptora e envia pelos correios. É nesse momento que ela recebe uma proposta para trabalhar em Thornfield Hall como educadora de Adèle, uma garotinha criada por Rochester, proprietário do local de trabalho. Os conhecimentos de Jane da língua francesa foram primordiais para essa nova etapa, pois a criança era francesa e quase não falava o inglês. E assim, movida pelo desejo de viver novas experiências e de poder usar seu aprendizado em prol de algo maior, ela enfim deixa o internato.

Mas, mesmo em novos horizontes e perspectivas, Jane ainda ansiava por mais, seu coração pedia por aventuras e ela buscava pelo conhecimento que só as grandes experiências são capazes de proporcionar:

Quem quiser pode me culpar, mas acrescento que vez por outra, quando caminhava sozinha pela propriedade, em que ia até os portões e olhava através deles para a estrada, [...] olhava na direção dos sossegados campos e colinas e mais além, para a difusa linha do horizonte – nessas ocasiões eu desejava ter uma visão que pudesse ultrapassar esses limites, que pudesse chegar ao mundo movimentado, às cidades, as regiões cheias de vida sobre as quais eu ouvira falar mas que nunca vira. Nesses momentos, desejava mais experiência prática do que a que possuía, mais convívio com o meu semelhante, mais contato com gente variada do que o que estava a meu alcance. [...]
Quem pode me culpar? Muitos, sem dúvida; haveriam de me chamar de insatisfeita. Eu não podia evitar: a inquietude estava em minha natureza, e às vezes me agitava a ponto de me causar sofrimento. (BRONTË, 2018, p. 136)

Percebemos, conforme Jane cresce fisicamente e psicologicamente, que ela já não é mais aquela criança impulsiva nas respostas e no temperamento. Ela vai se tornando uma jovem adulta além de seu tempo, que não se acomoda nos padrões impostos às mulheres daquele período, como vemos a seguir:

Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para suas faculdades e espaço para os seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, exatamente como sofreriam os homens. (BRONTË, 2018, p. 137)

O amadurecimento espiritual de Jane acontece com base em um senso crítico muito forte, repleto de questionamentos sobre o contexto em que vive, e procurando ir além dos limites estabelecidos. Talvez por isso a inquietude, o desejo pelas caminhadas e pelas trilhas nos arredores da casa em que trabalhava.

Foi em uma dessas caminhadas pela propriedade que Jane finalmente conheceu o Sr. Rochester, tutor de Adèle e seu patrão. O encontro dos dois se deu de maneira tumultuada, quando o cavalo dele se assustou com a presença da preceptora. Rochester acabou caindo do cavalo e sendo socorrido às pressas pela jovem. Recusando maiores auxílios, ele seguiu viagem e Jane voltou sozinha à casa, momento em que fica sabendo quem era, de fato, o homem misterioso da floresta.

Com o passar do tempo e ao longo da convivência com Rochester, uma paixão surge entre ambos e nasce um relacionamento que contribui para o aprendizado e aperfeiçoamento dos dois. Enquanto Rochester demonstra seu amor por meio de presentes caros e declarações de amor exaltadas em elogios, Jane se contém e busca racionalizar os sentimentos dentro de seus próprios limites: “- Não sou um anjo – afirmei –; e não serei até morrer: serei eu mesma. Sr. Rochester, o senhor não deve esperar nem exigir nada celestial de mim... pois não vai receber [...]” (BRONTË, 2018, p. 305)

As respostas de Jane serviram como um combustível para o amor de Rochester, que em pouco tempo se declarou inteiramente apaixonado pela preceptora. Tão logo ficaram noivos, o dono de Thornfield Hall providenciou, às pressas, uma cerimônia de casamento reservada. Mas as intercorrências foram muitas entre o pedido oficial e o dia da cerimônia. Dentro da casa, à noite, parecia pairar um fantasma que assombrava os quartos de Jane e Rochester, chegando a atear fogo na cama do homem enquanto ele dormia, e a rasgar o vestido da protagonista na calada na noite.

Nessas ocasiões, o romance adquire um ar sobrenatural, que é racionalizado posteriormente: na verdade, a responsável pelos incidentes era a primeira esposa de Rochester, que vivia trancafiada no sótão. Sua identidade só é revelada no dia do casamento, estragando todos os planos de felicidade e matrimônio por parte da jovem narradora do livro. Após o cancelamento do casamento, Jane descreve sua tristeza e toma a decisão de partir da propriedade:

Eu estava enfrentando uma provação: um punho de ferro em brasa agarrava meus órgãos vitais. Que momento terrível: cheio de luta, de escuridão, de uma sensação escaldante! Nenhum ser

humano poderia desejar ser mais bem-amado que eu, e aquele que assim me amava eu simplesmente idolatrava – e deveria renunciar ao amor e ao ídolo. Uma terrível palavra sintetizava minha intolerável tarefa: “partir”! (BRONTË, 2018, p. 368)

A essa altura a tarefa de partir já era “intolerável” no ponto de vista da protagonista. Mas, como bem se sabe, aos heróis das narrativas do *Bildungsroman* não resta outra alternativa a não ser caminhar, até que seu ciclo de aperfeiçoamento se desenvolva dentro do romance. Jane Eyre caminhou mais uma vez, já prevenido as desventuras que viriam pela frente, dadas as circunstâncias em que fora deixado seu coração.

Apesar do trauma vivenciado, ela se manteve forte e deu espaço para crescimento e aprimoramento: “Eu me importo comigo. Quanto mais solitária, mais destituída de amigos, mais sem amparo eu estiver, mais vou me respeitar. Seguirei a lei dada por Deus e sancionada pelo homem. Vou me ater aos princípios que recebi quando estava sã, e não louca – como estou agora.” (BRONTË, 2017, p. 370, destaque da autora). Nessa fala de Jane percebemos que não só ela considerou o lado espiritual, resgatando suas raízes cristãs na casa dos Reed e no internato, como também manteve sua racionalidade diante do momento de loucura.

Após sua partida, a preceptora é acolhida por John Rivers, um missionário, que, vendo a personalidade forte e empática de Jane, pede a mão da jovem em casamento, lançando argumentos que dão a entender que ele estava mais motivado pela conveniência do que verdadeiramente por amor. Enquanto Jane o considerava como irmão, a ponto de dividir uma fortuna que recebera de herança enquanto estivera abrigada em sua casa, John afirma: “O amor fraternal não será suficiente nesse caso. [...] Ou nossa união deve ser consagrada e selada pelo matrimônio ou não pode existir.” (BRONTË, 2018, p. 470)

A recusa de Jane à proposta do missionário reitera suas fortes convicções e seu compromisso com a verdade e lealdade à si mesma, porque ela ainda era apaixonada por Rochester, e em seu coração não havia espaço para outro sentimento a não ser o desejo de retornar e saber, por uma última vez, como estava o amor de sua vida. Agora com o dinheiro herdado, Jane não precisaria mais se hospedar em Thornfield Hall e nem depender financeiramente de outras pessoas ou serviços. A liberdade, enfim, parecia possível.

Ao retornar à cidade de Rochester, Jane teve a notícia de que a residência estava em ruínas após um incêndio que começara na madrugada, causado por “uma louca na casa [...] [que] no fim das contas era esposa do sr. Rochester!” (BRONTË, 2018, p. 494). Soubera também que a mulher morreu após se jogar do alto de Thornfield Hall, em meio às chamas. Rochester por sua vez sobrevivera, mas estava “cego como uma pedra” (p. 498). Diante dessas informações, Jane segue em direção da concretização de seus ideais, reencontrando sua grande paixão e se casando.

No capítulo 38, que finaliza a obra, a narradora se dirige aos leitores, dizendo:

Leitor, casei-me com ele. Foi numa cerimônia discreta: ele e eu, o pároco e o escriturário estávamos presentes. Quando voltamos da

igreja, fui até a cozinha, onde Mary preparava o almoço e John limpava as facas, e disse:

- Mary, casei-me com o sr. Rochester hoje pela manhã.

No início da trama Jane era uma criança órfã que sofria maus-tratos na residência de sua tia e primos. Como vimos, seu comportamento subversivo e reprovável nos padrões vitorianos culminou na ida para um internato, local fundamental para a preparação de sua jornada, pois foi ali que Jane recebeu educação, tanto formal quanto subjetiva, para se tornar uma preceptora e começar o processo de ascensão social. Mesmo assim, somente com a herança de um parente distante foi que a protagonista conseguiu sua independência financeira. Somado ao casamento com Rochester, consolida-se o fim de sua jornada no romance. Dessa forma, constata-se o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dessa personagem na narrativa, seguindo os parâmetros do *Bildungsroman*.

Considerações finais

Por meio das leituras e análises aqui propostas, consideramos que o desenvolvimento da protagonista em *Jane Eyre* contribui para a formação não só da personagem, mas também dos leitores da obra.

A maneira como Brontë configura as emoções mais latentes em sua narração, refletem o discurso de Virginia Woolf em *Mulheres e ficção*: “Não é preciso ir buscar longe as desvantagens que há em ser Jane Eyre. Ser sempre uma governanta e estar sempre apaixonada é limitação perigosa num mundo que afinal está cheio de pessoas que nem são o que ela é nem apaixonadas estão.” (WOOLF, 2019, p. 48)

Lidar com as emoções em um mundo que nos cobra a dureza da racionalidade além da capacidade humana, é estar sujeito às crises existenciais e psicológicas. Daí a importância da literatura, esta arte que convida o leitor a mergulhar em um mundo de emoções e conflitos bem elaborados. No caso de *Jane Eyre*, que traz as características no *Bildungsroman*, essas questões são tratadas de maneira profunda, buscando o aperfeiçoamento da personagem e do leitor. “Eu amo, eu odeio, eu sofro.” (WOOLF, 2019, p. 48) – são as assertivas de Virginia Woolf para descrever o íntimo de Jane, quase um espelho da alma do próprio leitor.

Conclui-se, portanto, que o romance aqui estudado, apesar de ter nascido em contextos diferentes do *Meister* que cunhou o termo *Bildungsroman*, também pode ser considerado um romance de formação.

Referências

BENICIO, Janne Eiry De Araujo. Romance de formação: o desabrochar de uma personagem em Jane Eyre. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 07, Vol. 05. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/literatura/jane-eyre>
Acesso em: 20 jan. 2022

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre: uma autobiografia: edição comentada e ilustrada*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. A literatura infantil e o romance de formação: um estudo da obra de Lygia Bonjunga Nunes. *Revista UFG*, v. 6, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48652>. Acesso em: 20 jan. 2022

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. *Narrativas Juvenis Brasileiras: em Busca da Especificidade do Gênero*. 2009. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) –Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: the Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. 2nd. Ed. New Haven: Yale University Press, 2000.

GOETHE, Johann Wolfgang Von Goethe. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

MAAS, Wilrna Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MONTERO, Rosa. *Nós, mulheres: grandes vidas femininas*. 1. ed. 2. reimp. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Todavia, (2021)

MORETT, Franco. *O romance de formação*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e Ficção*. 1. ed. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

Para citar este artigo

VIEIRA, Luisa de Assis. Aspectos do Romance de Formação na Estrutura Narrativa de *Jane Eyre*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 11, n. 3, p. 833-846, set.-dez. 2022.

A autora

Luisa de Assis Vieira é estudante no curso de Mestrado em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Sociedade. Possui Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura (UFG, 2021) e Licenciatura em Letras: inglês (UFG, 2016). É professora na rede privada de Goiânia, Goiás. É membro da equipe editorial da Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, onde atua como revisora de língua inglesa. E-mail: luisadeassisvieira@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9061-0042>